

PREVALÊNCIA DE DOENÇAS RESPIRATÓRIAS CRÔNICAS ENTRE AGENTES COMUNITÁRIOS DE SAÚDE DO EXTREMO SUL

ROBERTA ARAÚJO FONSECA¹; VANDA MARIA DA ROSA JARDIM²

¹Universidade Federal do Rio Grande – robsaraujof@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – vandamrjardim@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O Rio Grande do Sul é um estado com clima subtropical classificado como Mesotérmico Úmido com verões quentes e invernos rigorosos, dessa maneira, a temperatura torna-se propícia para o desenvolvimento de doenças e danos à saúde. Alguns estudos comprovam a influência das condições meteorológicas no processo saúde e doença e as manifestações no desenvolvimento de problemas no trato respiratório AMORIM (2014). Além da influência climática a poluição também é um dos fatores que implica na saúde da população, estudos epidemiológicos evidenciam que gases e partículas provenientes da queima de combustíveis, são fatores responsáveis pelo aumento de incidência de asma brônquica e outras doenças alérgicas em indivíduos DAPPER, SPOHR e ZANINI (2016).

As doenças respiratórias são consideradas as 5 das 30 causas mais frequentes de óbitos no mundo, por ano estima-se que aproximadamente 4 milhões de pessoas no mundo morrem prematuramente em decorrência de doenças respiratórias crônicas. Foro de las Sociedades Respiratorias Internacionales (2017).

Diante disso, foi analisado a exposição de Agentes Comunitários de Saúde (ACS) do extremo Sul e a prevalência de problemas respiratórios, visto que esses trabalhadores são de grande importância na execução das políticas públicas da Atenção Primária de Saúde (APS) uma vez que são o elo entre a população e o Sistema Único de Saúde (SUS). Ademais, esses servidores se expõem no território e estão sujeitos a sofrerem agravos em virtude dos fatores ambientais aos quais são expostos diariamente em seu serviço MASCARENHAS et al, (2013). Em razão disso, esse estudo busca olhar para as condições de trabalho e os reflexos ocasionados na saúde dos ACS.

2. METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa quantitativa que foi realizada a partir de um recorte da pesquisa “Processo de trabalho e seus impactos na condição de saúde de agentes comunitários de saúde na região sul do Rio Grande do Sul” realizado entre os meses de março a abril de 2017, com 599 agentes comunitários de saúde pertencentes a 21 municípios que integram a 21ª Região de saúde do Estado do Rio Grande do Sul, com exceção de Capão do Leão e que obteve aprovação do Comitê de Ética da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas – UFPEl, sob parecer nº 51684015.1.0000.5316.

Para este recorte, utilizou-se duas questões acerca da ocorrência de asma e bronquite e demais variáveis de descrição. Os dados sofreram análise bivariadas realizadas no stata 11.1.

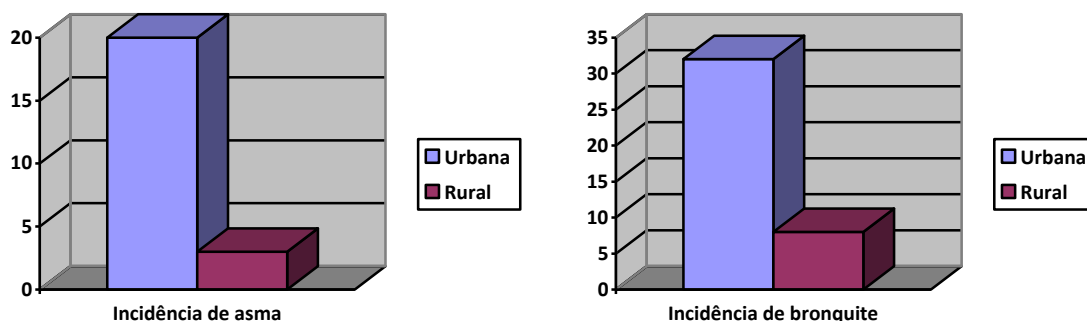
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram entrevistados 599 agentes comunitários de saúde sendo 155 trabalhadores da zona rural e 439 da zona urbana, dos quais 3,87% referiu apresentar asma proporção que foi maior entre os ACS residentes na zona urbana (4,56%) em relação a zona rural (1,94%). Dentre os 599 ACS, 70 eram homens e nenhum referiu ter diagnóstico de asma.

Em relação a distribuição por idade se observou uma redução de proporção na medida em que aumentou a idade.

Em relação a bronquite 6,72% dos ACS referiram ter diagnóstico, sendo 7,05% entre mulheres e 4,29% entre homens. Dos ACS que trabalham na zona urbana 7,29% apresentaram e 5,16% na zona rural.

Em relação a idade também foi identificadas prevalências menores entre os com mais idades e entre aqueles que referiram cor de pele branca.



A relação de ACS com problemas respiratórios na rede urbana é maior que os ACS da zona rural. Tal prevalência pode ser indício da maior poluição encontrada nos centros urbanos. Uma vez que durante o inverno ocorre o fenômeno de inversão térmica na região urbana, a inversão térmica faz com que ocorra aumento da poluição, impedindo a circulação de ar e a mistura de gases da atmosfera, fazendo com que os poluentes aéreos se acumulem de maneira rápida formando uma camada de poluição sobre a cidade. Esses contaminantes, tais como hidrocarbonetos, oxidantes, óxidos sulfúricos e nitrosos, monóxido de carbono e partículas de suspensão são em sua maioria produzidos pela queima de combustíveis de veículos e indústrias. SABATINNI (1996). Devido aos compostos advindos da poluição as doenças respiratórias tornam-se mais frequentes de acordo com a exposição, ou seja, parte do trabalho dos agentes comunitários de saúde é realizar visitas domiciliares a pacientes que estão impossibilitados de ir até as Unidades Básicas de Saúde tornando-os suscetíveis a inalação de ar contaminado.

4. CONCLUSÕES

Portanto, diante dos resultados encontrados nessa pesquisa, é possível observar a influência da temperatura e poluição atmosférica na Prevalência de doenças respiratórias em Agentes Comunitários de Saúde do Extremo Sul, devido a exposição a esses fatores ambientais.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, Jean Rycarth Gonçalves. Relação entre variáveis meteorológicas e doenças respiratórias (asma e bronquite) em crianças na cidade de Macapá-AP. 2014.

DAPPER, Steffani Nikoli; SPOHR, Caroline; ZANINI, Roselaine Ruviano. Poluição do ar como fator de risco para a saúde: uma revisão sistemática no estado de São Paulo. **Estudos Avançados**, v. 30, p. 83-97, 2016.

Foro de las Sociedades Respiratorias Internacionales. El impacto global de la Enfermedad Respiratoria – Segunda edición. México, Asociación Latinoamericana de Tórax, 2017.

MASCARENHAS, Claudio Henrique Meira; PRADO, Fabio Ornellas; FERNANDES, Marcos Henrique. Fatores associados à qualidade de vida de Agentes Comunitários de Saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 18, p. 1375-1386, 2013.

SABBATINI, Renato ME. Poluição, inverno e saúde. **Jornal Correio Popular**, 1996.